Editorial

As conquistas tecnológicas de nosso século conseguiram, sem dúvida, aumentar as perspectivas de vida dos seres humanos. Os progressos da medicina fizeram diminuir sensivelmente a mortalidade infantil. Hoje a espécie humana se multiplica até assustadoramente. Por outro lado nunca se viu tanta violência nas cidades e no campo, tanta capacidade de extermínio de crianças, mulheres, jovens e adultos, enfim capacidade de manipulação da vida de pessoas humanas. Milhões de pessoas morreram nas duas grandes guerras, vítimas do poder mortífero de todo tipo de armas, da peste e da fome. Se a qualidade de vida aumentou para uma pequena parte da humanidade, para a grande maioria parece ter diminuído. Hoje já não falamos de pobres, mas de excluídos, de párias da sociedade humana. A vida humana pouco vale no planejamento global da sociedade de consumo, da economia de mercado. O que importa são os números, os lucros, o pretenso crescimento. Não só a vida humana está ameaçada, mas a de todos os seres vivos, conforme denunciam os ecólogos: Na década de 90 estamos exterminando cerca de dez espécies vivas por dia; outros, mais alarmistas, acham que até o ano dois mil extinguiremos cerca de meio milhão de espécies vivas, das cinco a dez milhões que supostamente hoje existem (Thomas Berry, O sonho da terra, *Vozes, 1991, 210). Outra ameaça à vida humana e às espécies vivas em geral surge do uso indiscriminado de inseticidas e pesticidas, sem falar das manipulações biogenéticas.*

Diante disso há uma necessidade cada vez maior de recuperarmos o respeito pela vida humana e animal. É preciso nos perguntarmos pelo sentido da Criação e pelo da própria existência da espécie humana.

Eis algumas das preocupações que nortearam os estudos recolhidos neste número de "Estudos Bíblicos". Trata-se de reflexões à luz da Palavra de Deus sobre o tema da vida.

Haroldo Reimer à luz dos onze primeiros capítulos do Livro do Gênesis examina os projetos de vida de Deus na criação e mostra como as estruturas de pecado se interpõem na criação de Deus. O autor traz para hoje alguns valores descobertos em Gn 1–11 para nosso comportamento em relação à vida. Descobre nos relatos de Gn 2–3 e 6–9 orientações sobre como deve organizar-se a vida da

casa comum da criação e do próprio Deus. Tenta ler a história de Caim e Abel à luz de Amós. Denuncia as tendências hodiernas da globalização da economia e da vida à luz do episódio da torre de Babel (Gn 11,1-9). Aponta para a importância do descanso (Gn 2,1-4) no projeto de vida do criador.

Maria Laura Gorgulho estuda o tema como Israel experimentou a vida no seu relacionamento com Deus e com a terra. Antes do Êxodo Israel experimentou a vida experimentando Deus no deserto da vida. Depois do Êxodo experimentou a vida, experimentando Deus na vida do deserto. No Sinai selou com Deus uma aliança para a vida e para a morte. Israel só amadurece para a esperança na vida do além-túmulo depois de muito apreciar e estimar a vida terrena.

Ludovico Garmus no seu estudo sobre o grito do pobre ao Deus da vida parte de uma pergunta: Quando a vida humana corre perigo como reage e como reza o pedinte nos salmos de lamentação individual. Num primeiro ponto procura identificar quem é o pedinte dos Salmos de súplica individual. Este pedinte se apresenta como um pobre, como enfermo, como pecador, como um oprimido e injustiçado. Depois analisa como se apresenta a imagem do Deus a quem o salmista se dirige na oração. Ele se dirige ao Deus vivo, a Javé como Rei e como o Deus dos exércitos. Em seguida examina o conteúdo dos pedidos do orante: o orante pede a salvação para si e a punição dos inimigos; frente à perspectiva da morte próxima, pede que Deus adie ao máximo este fim inevitável. Por fim levanta a pergunta sobre como o salmista reage no contexto de luto pela morte de um parente. Na conclusão insiste na necessidade de se recuperar o valor da oração de lamentação. A lamentação no contexto do sofrimento (quando a vida é ameaçada) é um momento precioso para o relacionamento da criatura limitada com o seu Criador e Salvador. Tem, além disso, um valor de terapia salutar para superar o sofrimento e aprender a viver melhor.

Francisco Orofino estuda como a reflexão sapiencial amplia o grito do pobre em defesa de sua vida ameaçada pelos planos econômicos dos grandes. Examina três textos à luz da bi-tributação (do Estado e do Templo). Trata-se de um texto do período persa (Jó 23–24), um do período ptolomeu (Ecl 4,17–6,3) e outro do período selêucida (Eclo 34,18–5,18). Valendo-se da leitura sociológica, Jó estaria criticando a bi-tributação que aumentava os latifúndios e o número de empobrecidos; com isso também denunciava a Teologia da Retribuição, defendida pelo Templo também interessado no tributo. Coélet critica a bi-tributação e a Teologia da Retribuição no contexto novo do uso da moeda. O Sirácida procura, com certa dificuldade, articular o culto, a Lei e o pobre.

Ivoni Richter Reimer estuda o espaço de tempo muito importante para todos os seres vivos: o tempo da gestação, do parto e do período de resguardo. Justifica a escolha deste tema tão feminino e tão ligado à vida pela sua experiência de mãe, perpassada de alegrias e dificuldades. Faz um levantamento da terminologia do Novo Testamento ligada a estes eventos humanos, como "nascer", "dar à luz", "útero", "seio", "amamentar" e "dores de parto". Comenta, então, várias passagens dos Evangelhos, das Cartas e do Apocalipse onde ocorre esta terminologia. Mostra como a experiência de mulheres em relação à vida que geram, dão à luz, criam, etc. influenciou a linguagem mítica da apocalíptica.

Carlos Mesters mostra como no tempo de Jesus estavam enfraquecidos os valores tradicionais do povo judeu: o clã, a organização das aldeias, a posse comunitária da terra e a função do go'el *(o salvador). Esta desintegração de valores repercutia sobretudo nas crianças e nos pequenos. Comenta várias passagens dos evangelhos onde aparece Jesus acolhendo e defendendo a vida dos pequenos: crianças, mulheres, doentes, prostitutas, pagãos, samaritanos, leprosos, possessos, publicanos, soldados, os pobres em geral. Esta ação de Jesus visa reconstruir os valores da "casa", recuperar a função do* go'el. *Percebe-se este propósito especialmente na ordem missionária que dá aos discípulos. Para reconstruir os valores do clã, da família e da comunidade Jesus exige dos seus missionários até a ruptura com a própria família, para assumir de corpo e alma a função do* go'el .

Paulo Lockmann constata que a devoção popular ao Cristo sofredor, da sexta-feira santa, na piedade cristã latino-americana, embora seja um valor fundamental, corre o risco de servir para os grandes manipularem a vida do povo. A fé bíblica pode ser manipulada para torná-la na vida do povo uma fé perdedora. Neste quadro propõe-se a restabelecer a centralidade do tema da Ressurreição de Jesus. A atitude de Jesus que cura no sábado, que ressuscita a filha de Jairo etc., mostra a sua preocupação com a defesa da vida. O autor, porém, centraliza o seu estudo em 1Cor 15 e no seu fundo vétero-testamentário.

Por fim são recenseados três livros, todos relacionados com o tema da vida: A obra de Frank Crüsemann, Preservação da Liberdade. O Decálogo numa Perspectiva Histórico-Social*; a obra de Pablo Richard,* Apocalipse – Reconstrução da Esperança *e a obra de Valfredo Tepe,* Para que tanto sofrimento?

Esperamos que estas reflexões sobre a vida possam ajudar a nossos leitores em meio aos conflitos em que possam estar envolvidos, na sua luta em defesa da vida dos mais fracos de nossa sociedade.

Ludovico Garmus